

LUX JORNAL

O Estado do Paraná – Curitiba - PR

Publicado: 27/ 12 / 2000

272

190

1252

Malária atinge os índios de Ocoí

Mauri König

Foz do Iguazu (Sucursal) - Cinco índios da reserva de Santa Rosa do Ocoí, em São Miguel do Iguazu, ainda convalescem da malária contraída há duas semanas, possivelmente trazida por parentes que migraram do Paraguai. A doença atingiu quatro crianças e um adulto da comunidade avá-guarani, que estão recebendo tratamento da Fundação Nacional do Índio (Funai) e do Projeto Rondon, mantido pela Fundação Nacional de Saúde (FNS).

O maior perigo agora são os poços d'água abertos em 1982, com a delimitação da reserva após a formação do reservatório da usina de Itaipu. Essas cisternas tornaram-se locais propícios para a proliferação do mosquito *Anofelis darling*, transmissor da doença. As torneiras instaladas há três anos pelo escritório da Sanepar em Cascavel e pela Prefeitura de São Miguel agravam o problema, pois vazam e formam poças d'água.

O cacique José Duarte de Souza acredita que as condições desses poços e torneiras possam favorecer cada vez mais a proliferação da grande quantidade de pernilongos e mosquitos que existe na região. Júlio Benega, de 8 anos, é uma das cinco vítimas desses mosquitos. Picado pelo *Anofelis* há duas semanas, ele ainda convalesce da malária contraída. Os outros quatro também já se recuperam bem.

Do outro lado

Souza acredita que a doença possa ter sido trazida por parentes avá-guaranis que viviam do outro lado da fronteira, no Paraguai. Desde o assentamento no local, há 18 anos, muitos índios cruzaram o Rio Paraná para viver na aldeia. A comunidade subiu de pouco mais de 20 famílias em 1982 para 103 atualmente. Muitos parentes se reencontraram e estabeleceram-se no local, aquietando o espírito nômade.

Médicos e enfermeiras da FNS visitam, em média, uma vez por semana os 468 índios da reserva. Apesar do risco que a malária representa atualmente, o período mais crítico é o inverno, quando em geral grande parte da aldeia fica doente devido às más condições em que os indígenas vivem na área de 231 hectares. As habitações são taperas que mal conseguem protegê-los das intempéries.

Presos aos limites da reserva, os avá-guaranis dependem da ajuda da Funai para o cultivo da terra. As lavouras mais comuns são de milho, mandioca, feijão, arroz, batata, amendoim, entre outras. Muitos deles ainda têm de trabalhar como bóias-frias nas lavouras da região para garantir a subsistência da aldeia, comprando açúcar, farinha e outros produtos que não produzem.